

Jardinería histórica y metáfora virtual

digitalizando vistas, estampas y planos
(siglos XVI–XVIII)

Sergio Román Aliste
Cristóbal Marín Tovar
Victoria Soto Caba
Editores



Universidad
Rey Juan Carlos

Servicio de Publicaciones

Dykinson, S.L.

Jardinería histórica y metáfora virtual

digitalizando vistas, estampas y planos
(siglos XVI–XVIII)

Sergio Román Aliste, Cristóbal Marín Tovar y Victoria Soto Caba
Editores



Universidad
Rey Juan Carlos

Servicio de Publicaciones

Dykinson, S.L.

La validación de las aportaciones de este libro, previa a la publicación de la monografía, se ha llevado a cabo mediante un proceso de revisión por pares ciegos con objeto de evaluar la calidad, originalidad y rigor científico de los textos.



Proyecto I+D+i
PID2019-10233GB-I00 (MICINN)



Este volumen es resultado de la actividad del proyecto I+D+i PID2019-108233GB-I00 FEST-digital “Digitalizando la fiesta barroca. Reconstrucciones virtuales del ornato efímero en España y Portugal (siglos xvii y xviii)”.

El proyecto Fest-digital forma parte de la Red de Investigación CERM FEST “Ceremonia, Fiesta y Coleccionismo de la Monarquía Española. Del final del Medievo a la Edad Moderna (s. xv-xviii)”, con código del Ministerio de Ciencia e Innovación RED2022-134206-T.

©Copyright by
Los autores

Diseño: Juan José Balmaseda Estévez

Madrid, 2023

Editorial DYKINSON, S.L. Meléndez Valdés, 61 – 28015 Madrid
Teléfono (+34) 91544 28 46 – (+34) 91544 28 69
e-mail: info@dykinson.com
<http://www.dykinson.es>
<http://www.dykinson.com>

ISBN: 978-84-1170-818-0
Depósito Legal: M-35373-2023

ÍNDICE

<i>Jardín virtual y metáfora. Una introducción</i>	9
<i>Ubicación de los jardines históricos abordados en este volumen</i>	22
<i>Acotación cronológica de los jardines históricos de este volumen</i>	23
<i>Propuestas metodológicas y de virtualización de jardinería histórica</i>	25
<i>El jardín urbano del II conde de Solre. Propuesta de reconstrucción deductiva a partir de fuentes gráficas y pictóricas</i>	27
SERGIO ROMÁN ALISTE Y VICTORIA SOTO CABA	
<i>Reconstruyendo un jardín olvidado: La Abadía del III duque de Alba</i>	69
CRISTINA MUÑOZ-DELGADO DE MATA	
<i>La huerta del duque de Lerma en Madrid. La vista pictórica como posición para la reconstrucción tridimensional: metodología, evidencias y límites</i>	89
SERGIO ROMÁN ALISTE Y CRISTÓBAL MARÍN TOVAR	
<i>“Hum jardim ideado pelo do Conde de Ericeira”: proposta de reconstrução de um jardim efêmero em Lisboa (1687)</i>	111
SUSANA VARELA FLOR, PEDRO FLOR Y ALEXANDRE GONZÁLEZ RIVAS	
<i>Notas sobre el Real Monasterio de la Encarnación de Madrid: propuesta de reconstrucción de su claustro antiguo y sus jardines desaparecidos</i>	131
BENITO RODRÍGUEZ ARBETETA	
<i>Exedras, Arpías y Espina. Tres fases y tres dimensiones del jardín de la Isla de Aranjuez</i>	153
MAGDALENA MERLOS ROMERO Y SERGIO ROMÁN ALISTE	
<i>Un adorno de buen gusto para el jardín del Palacio de Buenavista (1789): preservar la memoria del ornato efímero</i>	195
JUAN-SALVADOR SANABRIA-FERNÁNDEZ E ISABEL SOLÍS ALCUDIA	
<i>La evolución del jardín del palacio de Fernán Núñez (Córdoba) a través de la reconstrucción virtual</i>	219
FRANCISCO MANUEL ESPEJO JIMÉNEZ	
Nota sobre los autores	237

“Hum jardim ideado pelo do conde de Ericeira”: proposta de reconstrução de um jardim efêmero em Lisboa (1687)

Susana Varela Flor

IHA NOVA FCSH/IN2PAST

Pedro Flor

UAb/IHA NOVA FCSH/IN2PAST

Alexandre González Rivas

Virtualizador del Patrimonio

Resumen

Quando as Universidades espanholas Rey Juan Carlos (URJC) e Universidad Nacional de Educación a Distancia (UNED) lançaram o call para a participação no Congresso Internacional: *Hortus Virtualis – Rescates Digitales de la Jardinería Histórica*, de imediato, ocorreu-nos propor a virtualização do jardim do Palácio dos Condes de Ericeira, sito na freguesia de S. José em Lisboa. Este famoso jardim seiscentista foi reconstituído junto ao Paço Real da Ribeira em 1687. Tal acontecimento esteve relacionado com as festas de casamento entre D. Pedro II e D. Sofia de Neuburgo (1687), no qual se construíram arcos festivos e se conceberam fogos de artifício. O jardim dos Condes de Ericeira, com a sua estátua de Neptuno atribuída a Gian Lorenzo Bernini, é um misto entre estas duas celebrações efêmeras: os arcos e o fogo de artifício. Neste texto propomo-nos a estabelecer a contextualização histórica que permitiu a Alexandre González Rivas a sua reconstituição virtual. Com efeito, abordaremos o casamento real e suas festividades, a figura do Conde de Ericeira e seu Palácio e, finalmente, apresentaremos as reconstruções virtuais à luz de fontes manuscritas e impressas

Palabras clave

Barroco, Lisboa, arcos efêmeros, fogos de artifício, reconstrução virtual, Humanidades Digitais

Abstract

When the Spanish universities Rey Juan Carlos (URJC) and Universidad Nacional de Educación a Distancia (UNED) launched the call for participation in the *International Congress: Hortus Virtualis – Rescates Digitales de la Jardinería Histórica*, we immediately proposed the virtualization of the garden of the palace of the Condes de Ericeira, located in the old parish of S. José in Lisbon. This famous seventeenth-century garden was recreated next to the Royal Palace of Ribeira in 1687. This event was related to the wedding festivals of king D. Pedro II and D. Sofia de Neuburgo (1687), during which ephemeral arches were built and fireworks were conceived. The presence of the garden of the Condes de Ericeira, with its statue of Neptune attributed to Gian Lorenzo Bernini, is a mixture of these two ephemeral celebrations: the arches and the fireworks. In this text, we propose to establish the historical context that allowed Alexandre González Rivas to create its virtual reconstitution. In fact, we will address the royal wedding and its festivals, the figure of the Conde de Ericeira and his palace, and finally, we will present a virtual reconstruction considering manuscript and printed sources.

Keywords

Baroque, Lisbon, ephemeral arches, fireworks, virtual reconstruction, Digital Humanities

O segundo casamento de D. Pedro II e as suas festividades

A 11 de Agosto de 1687 entrava na barra do Tejo em Lisboa D. Maria Sofia Isabel de Neuburgo (1666-1699), filha do príncipe Filipe Guilherme de Neuburgo, Conde do Palatino e eleitor do Sacro Império Romano. Era desde 1 de Julho de 1687 rainha de Portugal, uma vez que o embaixador português D. Manuel Telles da Silva, 2º Conde de Vilar Maior detinha uma procuração para representar o rei D. Pedro II no Palácio de Heidelberg, em cuja capela se efectuou o casamento. D. Sofia de Neuburgo foi recebida por D. Pedro II num bergantim de cor dourada e decorado com a figura de Neptuno na popa. A câmara do bergantim era constituída por vidraças cristalinas, protegidas por cortinas de cetim de ouro e carmesim. O casal régio sentou-se em cadeiras almofadadas com o mesmo tecido, o qual também forrava o piso. Foram transportados por 24 remeiros vestidos de damasco carmezim com passamanes de ouro.

No entanto, só a 30 de Agosto ocorreu a entrada pública da rainha na cidade de Lisboa. Começaram por sair do Paço da Ribeira até à Sé de Lisboa para depois visitarem os cerca de 20 arcos triunfais efémeros, partrocínados e efectuados pelos ofícios da cidade e pelos cônsules das nações estrangeiras. O Cônsul de Castela – Francisco Baranda recusou-se a participar argumentando que nessa corte não havia gente da sua nação que pudesse concorrer para as despesas e ele sozinho não tinha condições (Borges, 1987: 30). Também os ofícios da cidade foram chamados a participar. Atente-se especialmente no arco dos ourives do ouro que também construíram um jardim, com o propósito de recriar a “Fábula do Juízo de Páris” que oferecia à rainha de Portugal o pomo de ouro como prerrogativa da sua beleza que era observada por Pallas, Juno e Vénus e anunciada pela figura da Fama, tal como nos relata o arquitecto Luís Nunes Tinoco (Fig. 1): “o 6º arco era o dos ourives do Ouro encostado á parede na Entrada da mesma Rua dos Ourives. E tinha só hum face”.

Este arco era formado com hum jardim em perspectiva industriosa fabricado de embrechados, em forma de penhascos e varias fontes de agoa muito vistoso e com suas figuras e ninfas custosamente trajados com infinitas joyas e ricos vestidos de forma que mostra o perfil, tendo por remate a figura da Fama ricamente vestida” (Tinoco, 1687:6v).

Todos os desenhos dos arcos foram reunidos num álbum, executado pelo jesuíta alemão João dos Reis. No entanto, uma das construções efémeras mais interessantes foi a recriação em pleno terceiro, defronte do Paço Real da Ribeira, do jardim do Palácio da Anunciada dos Condes de Ericeira, à época propriedade de D. Luís de Menezes, o 3º titular.

D. Luís de Menezes, IIIº conde de Ericeira (1632-1690)

D. Luís de Menezes (Fig. 2) era filho de D. Henrique de Menezes, 5º Senhor do Lourical e D. Margarida de Lima, filha do 4º Conde de Atouguia. Nasceu em Lisboa a 22 de Julho de 1632 e foi baptizado na igreja paroquial de S. José extra-muros da cidade, a 31 do mesmo mês, pelo Padre D. Bernardo de Ataíde Prior da Colegiada de Guimarães. Teve como padrinho D. Rodrigo Conde de Vila

“Hum jardim ideado pelo Conde de Ericeira”: proposta de reconstrução de um jardim efêmero em Lisboa (1687)



Fig. 1. Representação do jardim do Arco dos Ourives de Ouro por João dos Reis

Franca¹. Até aos sete anos viveu com a família no palácio da Anunciada, na qual deverá ter bebido as primeiras influências culturais, a julgar pela educação que os pais haviam dado a seu irmão D. Fernando de Menezes (1614–1699). Este será uma figura importante na vida de D. Luís de Menezes, não só como émulo cultural como também pelo reforço de laços familiares como estratégia de manutenção da Casa Ericeira enquanto unidade patrimonial, dado que viria a casar-se com a sobrinha D. Joana Josefa de Menezes (1651–1709).

Com efeito, D. Fernando conheceu a mais exigente educação pela doutrina de Frei Francisco de Santo Agostinho Macedo (1596–1681) “varão verdadeiramente encyclopedico, insigne ornato da Republica Litteraria.” (Machado, 1747:83), jesuíta (1610–1640?) e, mais tarde, franciscano (1642–1681) da

1 DGLAB/TT, Livro de Baptismos da Freguesia de S. José, 1613–1632, fl. 165.



Fig. 2. Retrato de D. Luís de Menezes, 3.º Conde de Ericeira – gravura de Frederik Boultats, inserida na obra *História de Portugal Restaurado* de 1679.

Província Observante de Portugal. Este ter-lhe-á ministrado lições de Língua Latina e Portuguesa, Filosofia e Lógica. Mais tarde, conhecerá as disciplinas matemáticas, Geometria, Geografia, Architectura Militar também pela docência de dois jesuítas Ignacio Staford e Cristovão Borro (Machado, 1747:42).

Quanto a D. Luís de Menezes, a educação processou-se de forma diferente, uma vez que, com a Restauração Portuguesa, em 1640, mudou-se para o Paço Real da Ribeira, onde declara “tive a fortuna de me criar ... com o soberano e esclarecido Príncipe D. Teodósio, assistindo-lhe continuamente ...e igualmente apreendendo come elle a pymeira gramatica & a lição das histórias” (Ericeira, 1679:5). Esta informação é para nós importante, pois António Caetano de Sousa e Diogo Barbosa Machado não nos esclarecem bem sobre a formação de D. Luís de Menezes, ao contrário do que fizeram para o seu irmão D. Fernando de Menezes. É João Baptista Domingues, a propósito da vida do Príncipe D. Teodósio (1634-1653), quem nos esclarece que o futuro IIIº Conde de Ericeira usufruiu do ensino da Língua Latina, ministrada ao Príncipe por D. Pedro Pueros da nação irlandesa, ouvia a leitura de História e observava D. Teodósio a fabricar relógios e a pintar.

À semelhança de D. Teodósio, terá exercitado os preceitos da cavalaria com o Mestre António Galvão e aprendeu a esgrimir com o Mestre de Campo Diogo Gomes de Figueiredo. A partir de 1641 e, após ter aprendido Gramática e Retórica, o herdeiro da Coroa iniciou a aprendizagem da Matemática ministrada pelo mestre João Paschasio Cosmader (1602-1648) flamengo, engenheiro matemático e padre da Companhia de Jesus (Domingues, 1747:51-58), contratado pela Coroa Portuguesa para

dirigir a construção dos fortes portugueses.² D. Luís de Menezes acompanhou o Príncipe durante todo o período formativo, até 1650, ano em que decidiu deslocar-se ao palco da guerra da Restauração – o Alentejo – sob a influência do respectivo Governador de Armas – D. João da Costa, 1.º Conde de Soure (1610-1664). No combate aos invasores castelhanos, distinguiu-se nas batalhas mais importantes (S. Miguel, Elvas, Ameixial e Montes Claros), tendo atingido o cargo de General da Artilharia. No ano em que Frederik Bouttats abriu o seu retrato (1673) (Soares, 1971:145), o regente D. Pedro fê-lo Governador das Armas de Trás-os-Montes. Foi com essa imagem bélica que mandou colocar, a seguir à portada, na sua *História de Portugal Restaurado*, decidido a contar a história da guerra entre castelhanos e portugueses, mas receoso “dos inconvenientes ...e dos perigos quasi invencíveis, a quem se arroja... à temerária resolução de imprimir em sua vida a história do seu tempo” (Menezes, 1679:5).

Na obra que deixou para a posterioridade, o IIIº Conde de Ericeira informa-nos de que demorou dez anos para escrever o primeiro volume e que sofreu atrasos pelo facto de ter sido nomeado Deputado da Junta dos Três Estados, em 1675, Vedor da Casa da Índia com o título de Superintendente da Repartição do Mar, Armazéns, Casa da Moeda e Manufaturas do Reino, em cujos cargos cumpriu com sucesso as suas funções. Inerente ao Cargo de Vedor da Casa da Índia, estava a função de decorar o espaço que lhe ficava defronte, isto é, o Terreiro do Paço.

Nobre de elevada cultura e pessoa de confiança de D. Pedro II foi, por várias vezes, convidado a dirigir festejos e, o de 1687, não foi excepção. Em articulação com o Provedor das Obras Reais – Lourenço Pires de Carvalho, os arquitectos Luís Nunes Tinoco e Mateus do Couto (Borges, 1987:104-105) e demais artistas (entalhadores, carpinteiros, pintores, douradores, etc) alguns deles recrutados junto da Irmandade de S. Lucas, cuja capela estava localizada no Mosteiro da Anunciada, vizinho do seu palácio, D. Luís de Menezes programou uma dos mais importantes acontecimentos festivos da aliança real: a réplica do afamado jardim destinado a servir de palco a um espectáculo pirotécnico no dia 8 de Outubro de 1687:

“Segunda Festa de Fogos – Acabada esta festa de touros se começou logo a preparar no meio da mesma área outra de fogo, formando-se hum jardim ideado pelo do Conde de Ericeira, desmanchando-se ao mesmo tempo os palanques para evitar o perigo que poderão ter na voracidade do fogo, ficando tão contíguos. Compreendia o sitio do jardim trescentos palmos de comprido, & duzentos & outenta de largo, & as ruas que fazião distinção aos quadros erão de vinte palmos de largo, & entrava-se a ellas por dose portas de madeira bem fingida em pedraria com columnas torcidas, & remates de vidrassas dourados, que servião de ornato, & de faraoes outo janelas da mesma obra, & com os mesmos remates, & nos vãos das portas, & janelas grades de pedra fingida, & vestida com trinta, & duas arvores de fogo dissimulado com ramos de loureiro. Os quadros que se formavão de fogo erão quatro, & se cobrião com o primoroso alinhamento de hum bem cultivado jardim, & a espaços ordenados se guarneciam de vasos de flores, & por todo o circuito das grades estavam quantidades de rodas, & artificios de fogo ornando-se muito com vinte figuras de pedra, mas de elegante escultura. As dos quatro cantos representavão os quatro ventos principaes, & as desaseis os quatro tempos do anno, as três graças, os três eumenidas, Marte, Vulcano, Venus, Proserpina, o Amor & o Ódio todas em opposição, & com inscrições, que discretamente explicavam o intento. Cada hum dos quatro quadros tinha cinco girandolas com grande numero de foguetes, & no meio de todo o jardim se via hum airoso fonte tirada pela do Conde da Ericeira ultima fabrica do insigne Estatuário Romano o cavalhier Bernino, que se forma com hum grande tanque de excellente lavor, & nelle quatro tritões voltados para hum jardim, sustentando cada hum deles na mão direita hum busio por onde lanção agoa com grande força, & nas esquerdas diversas tarjas; entre os tritões estão

2 Sobre as guerras da Restauração. Consultar: <https://guerradarestauracao.wordpress.com/2008/03/27/joao-pascacio-cosmander-e-o-assalto-a-olivencia-18-de-junho-de-1648/>

outro Delfis, que ficam mais inferiores, & com as gargantas abertas mostram tragar a agoa que deitão os tritões. No meio do tanque se levanta hum pedestal sustentado de outros quatro Delfis, que com os rostros para o ar lança cada hum deles três esguichos em grande altura, & levantadas as caudas sustentão huma concha, & sahem fora della a formar hum assento, em que se firma huma excelente estatua de Neptuno com manto, & tridente de cujos pés arrebentão quatro canos de agoa, que com grande força sobem ao alto. Todas estas figuras estavam com grande propriedade imitadas, & dentro delas artificios de fogo, que lançavam com a mesma fúria, & com outros tantos canos quantos a fonte original lança de agoa, & no tanque se via fogo artificial, que o enchia a imitação de agoa & defronte do Paço entre dous Delfis se via huma tarja com a seguinte inscrição:

*Si quis amar e velit, rapiat de flumine flamam
Igneus est ardor, flúmen amoris erit*

(...) Logo que se cerrou a noute se accenderão todos os faroes das portas & janelas do jardim, & outros que estavam nos pedestaes das figuras, & huma tocha de cera preparada com outros ingredientes para dar maior lus, & se segurar do vento, que cada huma das figuras tinha na mão; & entre os Delfis para dar lus à fonte quatro grandes faroes, & juntamente pendião das árvores vários frutos, como limões e laranjas, que tiradas a sustenacia interior ardião artificiosamente. Chegarão Suas Amgestades às janelas do Paço, & logo entrarão pelas quatro ruas que caminhavão direitas à fonte outros quatro coros de musica com vários instrumentos, & tochas nas mãos polidamente vestidos com roupas de tella, & velinhos de peso & caminhando com igual compasso se forão chegando à fonte cantando ... Como todas as vozes se união ao mesmo ponto fazião mui agradável consonância; & tornando a sahir com o mesmo compasso com que havião entrado, logo ao mesmo ponto que desoccuparão o jardim entrarão pelas oito portas das ruas oito coros de danças também com vários instrumentos de musica, & vestidos com igual luzimento, & depois de dançarem hum breve espaço de reente invistirão varias tropas de fogueteiros com espadas, rodela, & montantes de fogo; & os fizeram despejar a praça, & nesse tempo soarão por toda a circunferência do jardim grande quantidade de trombetas & charamelas, & teve principio o fogo lançando a fonte torrente de chamas, & ardendo os quadros em varias formas bem ordenadas despedindo as figuras, as murtas as arvores, as portas, & as janelas tantos raios de luses, que com os estalidos dos foguetes fazião hum estrepito igualmente luminoso, & agradável, & tudo com tal disposição, que na parte donde rebentava o fogo ficavão penduradas luses, que duravão largo espaço, correndo juntamente de huma a outra parte pelo ar grande quantidade de foguetes de corda; & muitos fogueteiros se chegarão à fonte com quartas, mostrando que a squerião encher de fogo, & logo que as applicavão às chamas as punhão ardendo à cabeça, que pegando nos materiais que levavão dentro se desfazião as quartas em girandolas; & em outras formas de bom gosto, & galantaria, que se não lograrão com toda a sua perfeição; porque parece que envejoso o elemento da agoa de que o fogo lhe usurpasse as suas próprias moradas, intentou ajudado do ar, destrui-lo; mas não de sorte que deixasse de se dar remate à festa” (Costa, 1694:279-284).

O Palácio da Anunciada

O antigo palácio dos Condes da Ericeira situava-se no sítio de Valverde em Lisboa, região que correspondia à zona entre a colina de Sant’Ana e o monte fronteiro de S. Pedro de Alcântara (Coelho, 1986; Barros, 2017). Esse enorme vale, outrora a Ribeira de Valverde que desaguava no Esteiro da Baixa de Lisboa tal como a de Arroios, caracterizava-se pela enorme fertilidade dos campos, favorecida pela topografia. Ao longo dos séculos, a Ribeira de Valverde foi perdendo o vigor e os terrenos ganharam maiores dimensões, resultando em áreas de cultivo muito proveitosas e beneficiando a criação de quintas e hortas, numa região que se situava fora das muralhas medievais da cidade. A antiguidade deste lugar de Valverde está atestada pela presença romana e visigótica, tendo-se acentuado no período

tardo-medieval e moderno.

O eixo principal desta zona que se desenvolveu depois da Idade Média e durante o período moderno corresponde actualmente ao traçado da rua das Portas de Santo Antão, São José, Santa Marta até São Sebastião da Pedreira. Em 1552, João Brandão já refere as ruas de Valverde, de D. Afonso de Ataíde (referência à via que conteria já casas dos futuros Condes de Povolide?) e a de Santo Antão, o que demonstra a antiguidade da malha viária nesta zona (Brandão, 1990: 220). Assim, algumas das artérias que moldaram a área no século XVI em diante mantiveram na toponímia memórias passadas, como se poderá verificar na descrição um pouco posterior da freguesia mais populosa da cidade, a de Santa Justa (1565), à qual então pertencerá a futura paróquia de S. José (1567): “*Começa o seisto rol da freguesia de Santa Justa dos muros a fora na Rua Dereyta da Porta de Santo Antão da parte da Anunciada*” – Porta de Santo Antão, Travessa da Porta de Santo Antão para a Mancebia, Rua direita da Anunciada até S. José e Chafariz de Andaluz (*Livro do Lançamento...* 1948: 265-290).

Se a ermida de S. José que veio a constituir a nova paroquial com a sua confraria dedicada ao mesmo Santo foi peça-chave para o desenvolvimento urbanístico e populacional da zona (Oliveira, 1987: 54), devemos também sublinhar a relevância para esse contexto viário e demográfico a presença de um mosteiro de freiras dominicanas consagrado a Nossa Senhora da Anunciada. De acordo com Cristóvão Rodrigues de Oliveira, ficamos a saber que este cenóbio albergava 53 freiras (em 1620 contavam-se já 60 segundo o testemunho de Frei Nicolau de Oliveira) e o edifício continha várias capelas e duas confrarias, sendo uma das maiores e mais relevantes comunidades monásticas femininas na transição do século XVI para o XVII. (Oliveira, 1987: 75 e Oliveira, 1991: 536).

As freiras dominicanas vieram ocupar os desafogados terrenos em Valverde, onde já existia uma antiga casa de religiosos de Santo Antão, por intercessão de Fernão Álvares de Andrade junto do rei que era também padroeiro do Mosteiro. Fundador da Anunciada de Lisboa, este fidalgo da casa de D. João III e do seu Conselho, era igualmente Escrivão da Fazenda e Tesoureiro-mor, além de Cavaleiro da Ordem de Cristo e padroeiro do priorado de Santa Maria de Aguiar. Desempenhou ainda funções de capitão-donatário do Maranhão e Ceará em terras do Brasil (Sousa, 1738, t V: 151-152).

Durante o priorado de D. Beatriz de Menezes, filha do 2º Conde de Penela D. João de Menezes, Fernão Álvares de Andrade, abastado vizinho da Anunciada, contribuiu com largas somas de esmolas para as obras de renovação dessas primitivas instalações então degradadas. Na sequência das benfeitorias, e com autorização régia, a priora D. Beatriz doou em 1542 a capela-mor da igreja o sepultamento da família e sucessão de Fernão Álvares de Andrade e sua mulher Isabel de Paiva (Lima, 1972: 331-332). Da descendência deste casal, nascerão as futuras ligações aos Noronhas, Condes de Linhares e aos Menezes, senhores de Lourical e Condes de Ericeira, famílias muito relevantes na sociedade portuguesa da época moderna, em especial estes últimos que vieram habitar em Valverde logo no final do século XVI.

A relevância espiritual e devocional do Mosteiro da Anunciada levou a que fosse um local estimado pela Coroa, com destaque particular para a Rainha D. Catarina de Áustria (1507-1578), e durante a Monarquia Dual mencionem-se os casos do Duque de Alba D. Fernando Álvarez de Toledo (1507-1582) e o seu substituto no Vice-Reinado de Portugal, o Cardeal Alberto (1559-1621). Logo no início do século XVII (1607-1619), o Mosteiro receberia nova campanha de obras de magnificência e decoração: pintura, douramento e pedraria no dizer de Fr. Luís de Sousa (Sousa, 1866: 64 e Flor et al., 2016: 29-30). Será ainda no dealbar deste século que vamos assistir ao nascimento da Irmandade de pintores consagrada a S. Lucas a estabelecer-se com compromisso e capela própria a partir de 1611 (Flor et al., 2016: 31-32; Serrão, 2008: 122-123).

Erguida c. 1530 defronte do cenóbio dominicano, a casa dos Álvares de Andrade veio a cair na posse dos Condes da Ericeira pelo casamento de D. Isabel de Castro, neta de Fernão Álvares acima mencionado, com D. Fernando de Menezes, 4.º senhor de Lourçal que viriam a receber o título de Condes de Ericeira e o vínculo da Anunciada. Já no século XVII, talvez durante a época do 5.º senhor de Lourçal D. Henrique de Menezes ou dos seus filhos D. Fernando (1614-1699) e D. Luís (1632-1690), respectivamente o 2.º e o 3.º Conde de Ericeira, realizaram-se várias obras de engrandecimento das primitivas casas, sendo consideradas pelas fontes setecentistas como das melhores e mais da cidade de Lisboa: o Palácio da Anunciada (Castilho, 1954: 246-248).

Este situava-se defronte do Mosteiro das freiras dominicanas, embora a Vista de Lisboa, inserida na magna obra *Civitates orbis terrarum* de Georg Braun e Joris Hoefnagel e datada de 1598 mas representando a cidade no ano de 1567, pareça mostrar as casas de Álvares de Andrade paredes-meias



Fig. 3. Vista de Lisboa inserida na obra de Georg Braun *Civitates Orbis Terrarum* (1598).



Fig. 4. Retrato de D. Fernando de Menezes, 2.º Conde de Ericeira – gravura de Debrie a partir de um original de António de Oliveira de Louredo (act. 1674–1704).

com o edifício religioso (Fig. 3). Em qualquer dos casos, o palácio dos Ericeira ficava emoldurado num quarteirão, delimitado i) pelas hortas a poente (mais tarde rasgadas pelo Passeio Público, hoje Avenida da Liberdade); ii) a norte por um terreiro correspondente ao actual Largo da Anunciada; iii) a nascente pela rua das Portas de Santo Antão, bem perto das propriedades dos vizinhos Ataídes, Condes de Povollide; e finalmente iv) a sul a designada rua dos Condes, já existente na panorâmica de Braun/Hoefnagel.

Os melhoramentos efectuados no palácio iniciaram-se talvez com D. Fernando de Menezes, que na década de 40 viajara por Itália (Fig. 4) e continuaram com D. Luís de Menezes, prolongando-se após a trágica morte por suicídio, a partir de 1690, por seu filho D. Francisco Xavier de Menezes, que lhe sucedeu no título, fruto do casamento contraído com a sobrinha D. Joana Josefa de Menezes (1651–1709). Além desses trabalhos, recorde-se que, em 1702–1703, o Conde apresentou ao Senado da Câmara de Lisboa uma petição onde o mesmo pretendia a cedência de um pedaço de chão, “na travessa que vai da rua Direita da Anunciada para a calçada da Glória”, necessário para as obras das suas casas que então se acrescentavam para poente.³

De acordo com a descrição do Pe. António Carvalho da Costa em 1712, ou seja, num período onde as obras de beneficiação já teriam terminado, sabemos que o palácio tinha: “huma entrada mag-

3 AML-AH, Chancelaria Régia, Livro 16º de consultas e decretos de D. Pedro II, f. 438 a 441v.

nifica, entrando-se por hum claustro de columnas com huma fonte no meyo, primeyro a hum quarto bayxo, aonde há grutas, & fontes para comodidade do Estio, & a melhor livraria de Portugal pelo numero, & selecto, adornada de Globos, & instrumentos Mathematicos, medalhas, & outras antiguidades. Por aqui se desce a hum espaçoso jardim com huma fonte feyta por Berino [Bernini], que se tem pela melhor de Espanha. Fóra do jardim ha huma cuberta de redes, & chea de pássaros, & da outra parte de arvores, & hortas deliciosas. No quarto alto, a que se sobe por hua sumptuosa escada, se vem quatro



Fig. 5. Representação do jardim do Conde de Ericeira no Terreiro do Paço por João dos Reis

quartos diferentes adornados de preciosos moveis, & excelentes pinturas, & todos se terminão em hum bellissimo eyrado de obra mosaica com varias fontes, & estatuas" (Costa, 1712, t. III: 438).

Anos mais tarde, João Baptista de Castro em *Mappa de Portugal* esclarece-nos que o palácio possuía cento e vinte casas, dez páteos, jardins, hortas e que o recheio artístico compreendia mais de duzentas pinturas (de que se destacavam as atribuídas a Ticiano, Correggio, Rubens e Le Brun), uma excelente livraria com dezoito mil volumes impressos e várias preciosidades manuscritas (Castro, 1762-63, t. III, p. V: 288). Como é sabido, esta magnífica biblioteca serviu de palco a diversas reuniões, certames e conferências da Academia literária dos Generosos, cujo papel de Secretário foi desempenhado durante muitos anos por D. Luís de Menezes.

Para o enobrecimento do palácio da Anunciada e respectivo jardim, provavelmente na sequência da sua nomeação em 1675 como Vedor da Fazenda pelo príncipe regente D. Pedro (1648-1706) o brilhante militar e erudito D. Luís de Menezes patrocina não só o levantamento de uma galeria de consideráveis dimensões, como também a encomenda de uma fonte monumental em Roma, utilizando para isso os bons ofícios diplomáticos de D. Luís de Sousa (1637-1690), Bispo de Lamego e Arcebispo de Braga e embaixador de Portugal em Roma entre 1675 e 1682.⁴ Estes melhoramentos nas moradas da Anunciada integravam-se num conjunto de intervenções iniciadas logo no início da década de 70, uma vez que uma nova sala de aparato, inaugurada no dia do baptismo de D. Francisco Xavier (29 de janeiro de 1673) e decorada com cenas da Batalha da Restauração, momento de enaltecimento da coragem e da bravura dos Menezes (Flor, 2002: 42; Sabugosa, 1915: 305-306). Chegaram ainda outras peças notáveis para a decoração do palácio, caso de tapeçarias clássicas e de temática bélica relativa à Guerra da Restauração, sobre cartões de Le Sueur e executadas pelo tapeceiro de Gobelins de Luís XIV, Jean Lefebvre (1622-1700) (Lacordaire, 1897: 17).

É neste contexto de encomendas ao estrangeiro que D. Luís de Menezes encarrega o dito embaixador em 1676 para comprar uma grandiosa fonte que, ao centro, deveria conter uma imagem de Marte com o rosto do próprio Conde de Ericeira, sublinhando deste modo o enorme sucesso obtido nas batalhas restauracionistas contra os espanhóis.

Todavia, este programa iconográfico foi abandonado e, no lugar de Marte, veio a colocar-se antes uma figura de Neptuno, como se depreende da leitura da documentação de 1677-1681, em boa hora publicada por Teresa Leonor Vale. Nesses documentos, sabemos assim que o Deus dos Mares, proeminente, estaria assente numa concha que seria levada por quatro golfinhos, num verdadeiro grupo escultórico de aparato. Em cada um dos lados do tanque, deveriam estar quatro tritões tenentes com as armas dos Ericeira e um deles poderia até ostentar um retrato do próprio Conde (Vale, 2004: 167). Mais se apurou que a fonte foi realizada por um Ercole Ferrata (1610-1686), segundo o modelo aprovado e a orientação artística do famoso Gian Lorenzo Bernini (1598-1680).

O terrível terramoto de 1 de novembro de 1755 veio a destruir o palácio da Anunciada com o seu inestimável recheio. Felizmente, a fonte de Ferrata (mas dada desde sempre a Bernini) salvou-se, sendo vendida aos Condes de Pombeiro (senhores de Belas), talvez a D. António de Castelo Branco (1745-1784), 5.º no título. A fonte adornou os jardins da Quinta do Senhor da Serra em Belas até 1945, data em que integrou o espólio artístico dos jardins do Palácio Nacional de Queluz, por venda

4 Esta galeria é referida em correspondência trocada entre D. Francisco de Melo e Duarte Ribeiro de Macedo, datada de 10 de janeiro de 1678, o que documenta esta campanha de obras impulsionada pelo Conde da Ericeira: "As dificuldades da minha ida a Lisboa me fazem perder o apetite das cazas. As de Luís Mendes – tem mil embaraços, e o mayor de todos he o quererlas Francisco de Tavora que cuida mora já nellas, e o determinar o Conde de Ericeira segundo me dizem, levantar hua Galeria de fronte com que lhe tirará a vista das hortas que he o melhor que tem." – DGLAB/TT, Ministério dos Negócios Estrangeiros, cx. 4, mc. 5, ano de 1678.

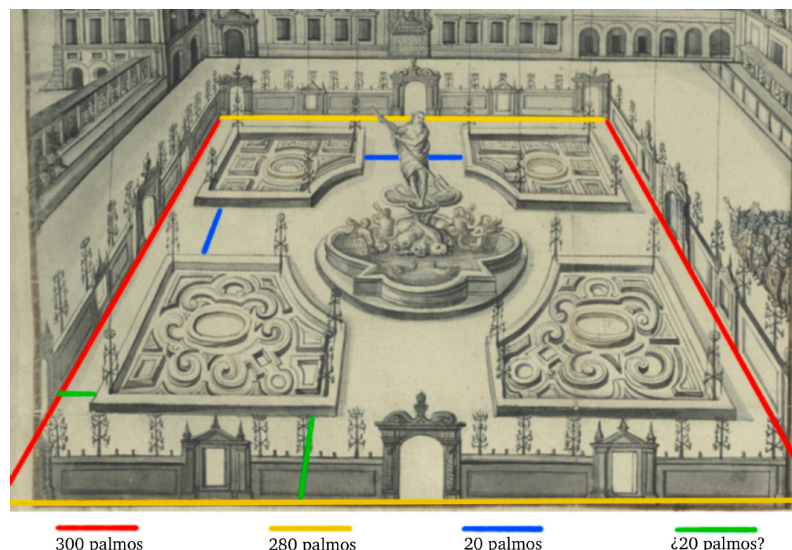


Fig. 6. Apresentação das medidas em palmos para posterior conversão em metros

do então proprietário da Quinta de Belas, Júlio Martins (Delaforce et al., 1998: 805; Ferro, 1997: 119). O carácter monumental da peça de mármore, das melhores produções escultóricas romanas ao tempo, bem superiores às de Génova mais correntes, mereceu a centralidade do programa iconográfico celebrativo do casamento real, quando foi necessário construir um jardim e arquitecturas efémeras para as festividades no Terreiro do Paço.

Uma reconstrução virtual

Exposição do tema

A história dos jardins e parques das cidades constituiu parte importante do desenvolvimento urbano ao longo dos séculos. Estes espaços verdes não só proporcionam beleza e serenidade, mas também são testemunhas silenciosas da evolução cultural e social de uma comunidade. Neste contexto, a reconstrução virtual do jardim efémero do palácio da Anunciada do Conde da Ericeira em Lisboa permite-nos mergulhar no passado e explorar a riqueza histórica e estética de um momento específico da cidade. Examinaremos, pois, meticulosamente os detalhes históricos e arquitetónicos desse jardim, usando ferramentas de reconstrução virtual para dar vida e entender melhor o seu esplendor.

A reconstrução virtual do jardim do Conde da Ericeira exigiu uma meticulosa pesquisa histórica e de certo modo “arqueológica”. O processo começa com a recolha de dados primários e secundários, como plantas antigas, pinturas, descrições escritas e documentos históricos, detalhando a estrutura e características do jardim original. Esses recursos forneceram-nos uma visão geral da distribuição espacial, os possíveis materiais empregues e os elementos arquitetónicos usuais naquela época.

"Hum jardim ideado pelo Conde de Ericeira": proposta de reconstrução de um jardim efêmero em Lisboa (1687)

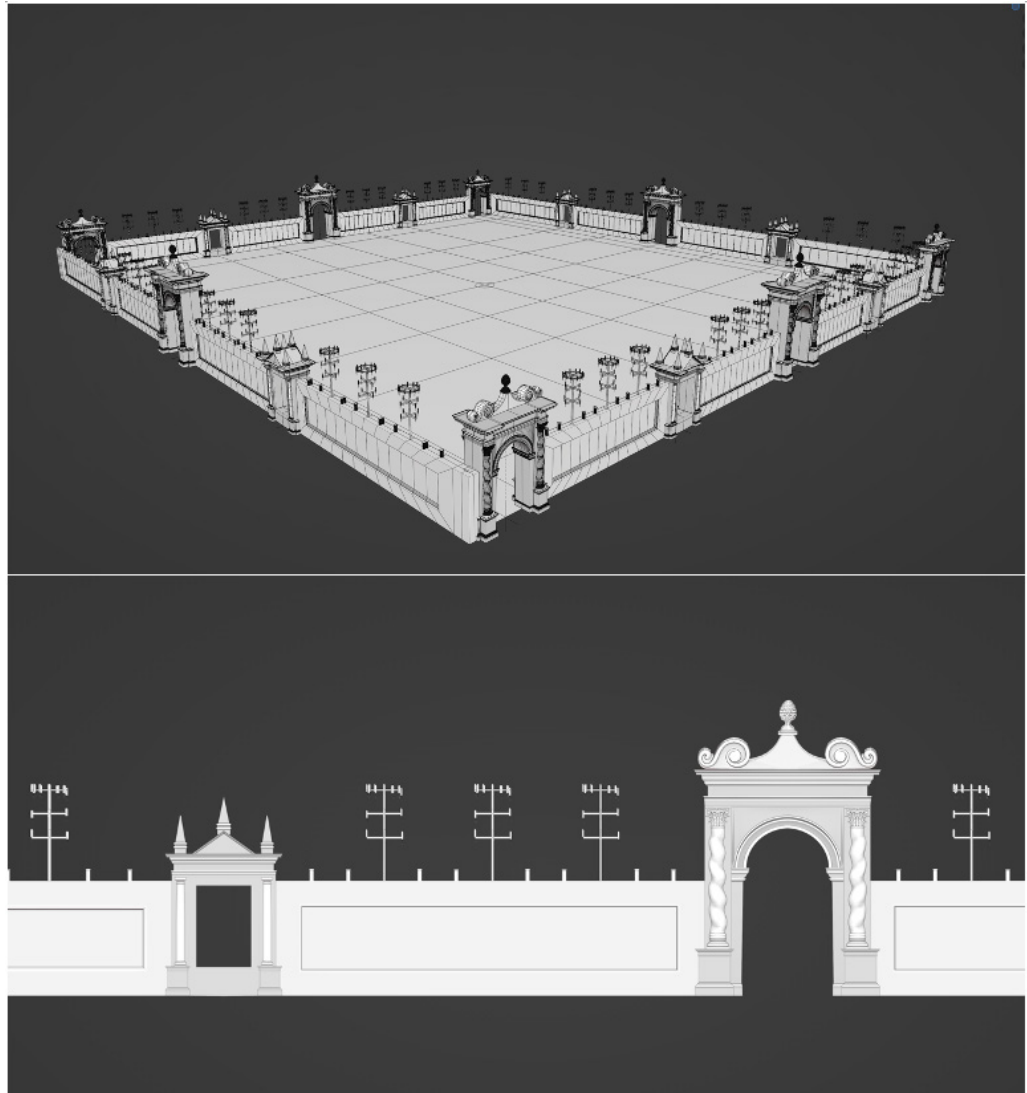


Fig. 7. Alçado do modelado das portas, janelas, paredes e engenhos dos fogos de artifício

O último quartel do século XVII foi uma época de grande esplendor em Lisboa e corre, época em que a cidade conheceu assinalável florescimento cultural e artístico. O jardim em questão destaca-se pela sua dimensão e elementos arquitetónicos introduzidos. Este espaço ajardinado representou a opulência e o gosto requintado da nobreza portuguesa da época e tornou-se um marco importante no desenvolvimento de outros jardins na cidade e arredores.

Como vimos, foi em 1687, por ocasião da celebração do casamento entre o rei D. Pedro II e Sofia de Neuburgo, que se ergueu no terreiro que existia em frente do paço real de Lisboa, uma estrutura efêmera que representava um jardim com uma fonte ao centro. Essa estrutura de enorme aparato servia sobretudo para acolher os engenhos de fogo-de-artifício e inspirava-se planimetricamente no jardim do palácio dos Condes de Ericeira.

Reconstrução virtual

Uma vez recolhidas as informações iniciais, tornou-se importante estabelecer uma metodologia clara para a reconstrução virtual. Essa metodologia baseou-se em fontes primárias, na análise dos dados coligidos e dos requisitos específicos que orientaram a utilização de software específico.

Seguindo as diretrizes das Cartas de Londres e Sevilha, que contêm os princípios internacionais para a virtualização do património, propomos-nos reconstruir o jardim efêmero e visualizá-lo num motor de jogo, permitindo aos utilizadores admirar o jardim na perspectiva de uma pessoa. Para esta reconstituição, baseámo-nos sobretudo na imagem de João dos Reis e em descrições que nos forneceram medidas aproximadas da estrutura arquitectónica. Essas medições serviram como ponto de partida para iniciar a reconstrução virtual (Fig. 5).

Uma vez convertidas as medidas para metros, identificámos as dimensões do centro em cruz, bem como o tamanho dos canteiros e das portas (Fig. 6). Para o desenvolvimento e modelagem, utilizámos o software Blender 3.2, onde reconstruímos as portas e janelas, seguindo os critérios da tratadística de Vignola, para representar corretamente os elementos arquitetónicos que o compõem. Embora o desenho original nos desse uma ideia geral das formas, não detalhava os elementos com precisão.



Fig. 8. Reconstrução virtual da Fonte de Neptuno



Fig. 9. Reconstrução virtual dos canteiros do jardim

Em seguida, procedeu-se à análise demorada dos elementos que resultou na modelagem de três componentes estruturais das armações que envolvem o jardim: portas e janelas e paredes. Quanto às primeiras, podemos identificar as colunas salomónicas e as volutas que coroadam o entablamento. O processo foi mais difícil para as janelas, mas decidimos que eram pilastras toscanas encimadas por três pares de pináculos, dada a ambiguidade do desenho. As paredes foram encimadas por pequenos pináculos ladeados por engenhos de fogos de artifício (Fig. 7).

Uma vez concluídas as portas e janelas após as medições iniciais, procedemos à reconstrução das paredes e começamos a realizar o mapeamento UV de cada modelo 3D. A modularidade e a simetria característica do jardim facilitaram muito o processo de reconstrução, pois com apenas quatro elementos principais conseguimos reconstruir a parte não vegetal da área na totalidade, com exceção da fonte central.

Para obter uma representação hiper-realista, tirámos fotografias da fonte original, hoje no Palácio Nacional de Queluz como já nos referimos, e fizemos um modelo fotogramétrico usando o software Reality Capture. No entanto, como a fonte está incompleta, tivemos de reconstruí-la usando o software de escultura digital Zbrush. Além disso, também foi necessário modelar a base da fonte, que apresentava uma forma mixtilínea (Fig. 8).

Concluída a modelação digital de todas as estruturas que compunham o jardim, procedeu-se à texturização das mesmas com base nas fontes primárias. Para a criação do material, integrámos os modelos 3D no motor de jogo Unreal Engine 5 e criámos diferentes materiais usando conexões de nó para todos os elementos do jardim. Nosso objetivo era aproximar sua aparência virtual do que poderia ter sido: as portas, por exemplo, foram simuladas como mármore branco por pintura em madeira, e os remates das portas e janelas foram representados com dourados.

Finalizada a cerca e a fonte principal do jardim, apostámos na recriação da parte vegetal a partir do estudo do desenho original. Este espaço foi dividido em quatro canteiros com diferentes formas geométricas de sebes. Não sendo possível identificar que plantas ou flores adornavam o jardim nessa época, nesta primeira aproximação à recriação do jardim idealizada pelo Conde da Ericeira, foram utilizadas algumas plantas que possivelmente estariam presentes nos jardins da época (Fig. 9).

O último passo para andar no jardim virtual no motor de jogo foi introduzir um avatar futurista (Fig. 10). Este avatar pode ser controlado usando as setas do teclado, permitindo ao usuário escolher entre uma perspectiva em primeira ou terceira pessoa. Assim, simula-se a experiência de ser um viajante temporário que passeia por este jardim efêmero, decorado com fogos de artifício, que fez parte do grande espectáculo vivido na cidade de Lisboa durante o casamento entre o rei D. Pedro II e Sofia de Neuburgo.



Fig. 10. Presença de um avatar no jardim virtual. Unreal Engine 5.

Referencias bibliográficas

Fontes Manuscritas

Biblioteca da Ajuda

Tinoco, L. N. (1687) “Relação das Proporções, medidas e alturas que se fizeram na Entrada da Rainha Nossa Senhora nesta Corte de Lisboa no mês de Agosto de 1687”. *A Pheniz de Portugal Prodigioza em seus Nomes Maria Sofia Isabel Raynha Sereníssima & Sra. Nossa. Em cuja Augustissima Entrada por Artes Liberaes em curiosos Anagrammas se mostra felizmente renovada a Idade de Ouro. Do ano de 1687*. Cód. 52-VIII-37.

Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

Tinoco, L. N. (1687) “A Pheniz de Portugal Prodigioza em seus Nomes D. Maria Sofia Isabel Raynha Sereníssima & Sra. Nossa em cuja Augustissima Entrada por Artes Liberaes em curiosos Anagrammas se mostra felizmente renovada a Idade de Ouro. Do anno de 1687”, *Jardim Histórico* [Miscelânea de vários papéis datados do século XVII]. Tomo XXXIII, fl. 1-95/100. Ms 346.

Biblioteca Nacional de Portugal

Crasto, A. S. (1666): *Triumpho com que a cidade de Lisboa recebeu aos nossos grades Monarchas os muito altos e poderosos Senhores el Rey D. Affonso VI de Portugal & a Serenissima Raynha, a Sr.^a Dona Maria Francisca Isabel de Saboya em 29 de Agosto de 1666*.

Porta e arco trivnfal que a nação ingresa ordenou ao recebimento, e entrada em Lisboa da S. C. R. M. del Rei Filippe III. de Espanha, e II. de Portugal, o Anno de 1619, (1619). Lisboa, Officina de Jorge Rodrigues.

Reis, J. dos (1687): *Copia dos Reaes Aparatos e Obras que se ficeram em Lixboa na occasiam da Entrada e dos Desposorios de suas Majestades*.

Fontes Impressas

Castro, J. B. (1762-63) *Mappa de Portugal antigo e moderno*. Lisboa: Of. Francisco Luiz Ameno.

Costa, Pe. A. C. (1712) *Corographia portuguesa e descripçam topographica...* vol. III. Lisboa: Of. Deslandesiana.

Costa, A. R. (1694): *Embaixada que fez o Excelentíssimo Senhor Conde de Villar-Maior ao Príncipe Philipe Guilhelmo Conde Palatino do Rhim...conduçãem da Rainha Nossa Senhora a estes Reinos, festas & aplausos com que foi celebrada na sua feliz vinda, & as augustas vodas de suas majestades*. Lisboa: Of. de Miguel Manescal.

Domingues, João Bautista (1747), *Vida do Príncipe D. Theodósio, offerecida a Sta. Joanna, Princeza de Portugal, por seu author*, Lisboa: Of. dos Herd. de Antonio Pedrozo Galram.

Menezes; Luís de [Conde de Ericeira] (1679) *História de Portugal Restaurado*, Tomo I. Lisboa: Of. João Galvão.

Idem (1698) *História de Portugal Restaurado*, Tomo II. Lisboa: Of. Miguel Deslandes.

Paiva, S. F. (1687): *Segunda parte da Relaçam do Triumpho que fez a cidade de Lisboa quando os nossos monarcas de Portugal forão à S.Sé desta corte & noticia dos Arcos Triumphaes*. Lisboa: Of. Domingos Carneyro.

Porta e arco trivnfal que a nação ingresa ordenou ao recebimento, e entrada em Lisboa da S. C. R. M. del Rei Filippe III. de Espanha, e II. de Portugal, o Anno de 1619, (1619). Lisboa: Of. Jorge Rodrigues.

Oliveira, E. F. (1893): *Elementos para a história do Município de Lisboa*. t. V, I. Lisboa: Typographia Universal.

IDEM (1899): *Elementos para a História do Município de Lisboa*. t. IX. Lisboa: Typographia Universal.

Sousa, A. C. (1738) *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*. t. V. Lisboa: Of. José António da Sylva.

Sousa, Fr. L. (1623-1678) *Terceira parte da História de S. Domingo*. 3.^a ed., Lisboa: Typ. do Panorama, 1866.

Estudos

Alves, A. M. (s/d): *As entradas Régias Portuguesas*. Lisboa: Livros Horizonte.

Barros, M. (2017) *São José, Bairro Tridentino*. vol. I. Tese de Doutoramento. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Borges, N. C. (1987) *A Arte nas Festas do Casamento de D. Pedro II*. Porto, Paisagem Editora.

Brandão, J. (1990) *Grandeza e Abastança de Lisboa em 1552*. Lisboa: Livros Horizonte.

Castilho, J. (1967) *Lisboa Antiga – Bairros Orientais*. vol. IV. 3.^a ed. Lisboa: Oficinas Gráficas da CML.

Castilho, J. (1954) *Lisboa Antiga – O Bairro Alto*. vol. I. 3.^a ed. Lisboa: Oficinas Gráficas da CML.

Coelho, A. B. (1986) *Quadros para uma Viagem a Portugal no séc. XVI*. Lisboa: Editorial Caminho.

Coelho, T. C. (2017) “Luís Nunes Tinoco nas festas do casamento de D. Pedro II com Maria Sofia de Neuburgo (1687)”, in *Invenire – Revista dos Bens Culturais da Igreja*. Lisboa, SNBI, 14, Jan-Jun., pp. 58-65.

Correia, A. P. R. (2000) “Fogos de Artifício e Artíficos de Fogo nos séculos XVII e XVIII: A mais efêmera das Artes efêmeras”, *Arte Efêmera em Portugal – catálogo da exposição*. Pereira, J. CB. P. (Coord.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 101-141.

Coutinho, M, J. P. (2017): “Arquitectura e supremacia: analogias entre a decoração de portais e arcos no contexto das festividades Filipinas e Brigantinas”, in *Cadernos do Arquivo Municipal* II^a série, nº 7, Jan-Jun., pp. 19-56.

Delaforce, A. Montagu, J., Gomes, P., Soromenho, M. (1998) ‘A fountain by Gianlorenzo Bernini and Ercole Ferrata in Portugal’, in *The Burlington Magazine*, 140, (1149), pp. 804-811.

Ferro, M. I. (1997) *Queluz o Palácio e os Jardins*. London: Scala Books.

Flor, S. e Flor, P. (2016) *Pintores de Lisboa (séculos XVII-XVIII) – A Irmandade de São Lucas*. Lisboa: Scribe.

Flor, S. (2002) *Do seu tempo fazia parelha aos mais...: Marcos da Cruz e a pintura portuguesa do século XVII*. I vol. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Gomes, A. C. C. C. (2000) “Alianças, Poder e Festa: os casamentos de D. Afonso VI e de D. Pedro II, in *Arte Efêmera em Portugal – catálogo da exposição*. Pereira, J. CB (Coord.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 51-100.

- Lima, D. P. (ed.) (1972) *História dos Mosteiros Conventos e Casas Religiosas de Lisboa*. II vol. Lisboa: Imprensa Municipal de Lisboa.
- Livro do Lançamento e Serviço que a Cidade de Lisboa fez a El Rei Nosso Senhor no ano de 1565* (1948). III vol. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.
- Lourenço, M. P. M. (2007). *D. Pedro II*. Lisboa: Círculo Leitores.
- Miguel, P. (2012) *Descobrir a dimensão palaciana de Lisboa na primeira metade do século XVIII – Titulares, a Corte, Vivências e Sociabilidades*. II vol. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- Oliveira, Fr. N. (1991) *Livro das Grandezas de Lisboa*. Lisboa: Ed. Veja.
- Oliveira, C. R. (1987) *Lisboa em 1551 – Sumário em que brevemente se contém algumas coisas assim eclesiásticas como seculares que há na cidade de Lisboa* (1551). Lisboa: Livros Horizonte.
- Sabugosa, C. (1915) *Gente d'Algo*. Lisboa: Livraria Ferreira.
- Serrão, V. (2008) ‘O pintor régio Fernão Gomes, o Mosteiro da Anunciada e a fundação da Irmandade de São Lucas, corporação dos pintores de Lisboa em 1602’, in Gomes, A., Mourão, J., Franco, J., Serrão, V. (eds.) *Monjas Dominicanas – Presença, Arte e Património em Lisboa*. Lisboa: Alêtheia, pp. 103-134.
- Soares, E. (1971) *História da Gravura Artística em Portugal*, v. I. Lisboa: Livraria Samcarlos.
- Soromenho, M. (2000) “Ingeniosi ornamenti – Arquitecturas Efêmeras em Lisboa no tempo dos primeiros Filipes”, in *Arte Efêmera em Portugal – catálogo da exposição*. Pereira, J. CB. Pereira (Coord.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 21-49.
- Vale, T. L. M. (2004) *Escultura Italiana em Portugal no século XVII*. Lisboa: Caleidoscópio.
- Idem (2000) “Arco Triunfal erguido pela comunidade italiana – Catálogo 19”, in *Arte Efêmera em Portugal – catálogo da exposição*. Pereira, J. CB. (Coord.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p.55.
- Xavier, Â. B. e Cardim, P. Bouza Alvarez, F. (1996) *Festas Que Se Fizeram Pelo Casamento de Afonso VI*. Lisboa: Quetzal Editora.